

3 - O "SISTEMA DE ACADEMIAS",

Os "grupos de capoeira", ou "associações de capoeira"; e as "academias" (onde o mestre e os professores do grupo ou associação dão aulas e fazem dinheiro) são uma realidade dominante da capoeira atual. Vamos chamar este conjunto de "*sistema de academias*".

Falamos da estratégia de "os outros grupos são nossos inimigos"; algo que dá uma maior coligação interna e um maior sentido de unidade a cada grupo. Isto é um ponto importante e paradoxal que merece uma análise mais profunda.

Em especial porque os alunos, professores, e os próprios mestres não questionam a infra-estrutura (nem a material, nem a teórica e ideológica) do "sistema de academias". Acham que aquilo é "natural", como é natural o sol nascer toda manhã.

Autoritarismo excessivo? Ou justificado pela tradição?

A partir da década de 1950, a capoeira que praticamente só existia na Bahia, começa a migrar para o Rio e São Paulo, onde os mestres terão um sucesso, em termos de dinheiro e número de alunos, jamais visto

em Salvador. É o começo de um novo modelo e de uma nova estrutura.

Vários outros fatores, "externos" ao mundo da capoeira, também vão entrar em jogo contribuindo na formação do novo "sistema de academias" no Rio e São Paulo:

- a partir da década de 1950: a chegada da TV com seus valores de consumismo, com sua "moral" de classe média norte-americana, teve enorme impacto sobre toda a sociedade brasileira;

- a ditadura militar, entre 1964 e 1984: poluiu toda a mentalidade daquela época, inclusive com grande influência (a idéia da hierarquia rígida, e do autoritarismo militarista) sobre os grupos de capoeira que iniciavam a fazer sucesso.

Mas não foi apenas o sucesso econômico e o "cenário externo à capoeira" (TV e militares) que determinou a realidade que vemos hoje. Também foi seminal a escolha de uma determinada estratégia pelos próprios capoeiristas, na luta interna pela hegemonia.

Esta "estratégia na luta interna pela hegemonia" funciona até nossos dias e talvez seja a tônica mais marcante, a partir dos 1950s, da dinâmica do relacionamento entre os estilos; entre os grupos; entre professores e alunos; e entre mestres e graduados. Se não a tivermos constantemente em vista, não entenderemos com propriedade a infra-estrutura atual.

É através do exame desta "estratégia na luta interna pela hegemonia" que poderemos chegar à conclusão:

- Existe um autoritarismo excessivo no atual "sistema de academias"?
- Paralelo a isto, existe uma competição excessiva entre grupos que, às vezes, introduz uma violência excessiva no jogo?
- Ou será que esta hierarquia rígida e autoritária, e esta violência, são justificadas pela própria *tradição* (africana, das *malts* cariocas de 1800s, dos *Velhos Mestres* de Salvador dos 1930 e 1940)?

A dialética da tradição

Falamos que talvez esta hierarquia, o autoritarismo, e a violência nas academias não seja excessiva; pode ser que seja justificada pela *tradição*.

Vamos ver agora, com Eduardo Coutinho, a *tradição* e os vários usos estratégicos que diferentes contextos podem fazer dela.

Para nós, capoeiristas, toda esta discussão sobre o que é a *tradição*, e que tipos de tradição existem, é muito importante. Muita discussão sobre a "autenticidade" e sobre o "valor" de um mestre, ou de um grupo, ou de um estilo, usa como munição o fato daquele grupo, ou mestre, ou estilo, ser "tradicional" (ou "não ter tradição").

A mesma coisa quando examinamos o uso de uma determinada estratégia, por uma determinada geração de mestres.

Além disto é preciso que tenhamos os olhos bem abertos; é preciso conhecer a história; pois também existem muitas "tradições" que na verdade não são tão antigas como dizem, como nos explicou Hobsbawn no seu famoso livro, *A invenção das tradições*.

Eduardo Coutinho, em sua recente tese de doutorado (83) enfoca, ao abordar a obra de Paulinho da Viola, o samba "como uma linguagem toda-vida marginal" (84); mesmo levando em conta os elos do samba com as gravadoras multinacionais, e a influência da mídia no setor musical.

Coutinho também estuda diferentes projetos identitários; projetos onde os sambistas buscam fortalecer a sua identidade; e estratégias culturais contra-hegemônicas, onde a cultura "popular" se coloca em pé de igualdade e "encara", e faz frente, à cultura hegemônica das classes dominantes.

A obra de Paulinho da Viola - cantor/compositor - é compreendida como um projeto de afirmação do samba e como "fala histórica" - expressão de uma cosmovisão popular. Alguns enfoques de Coutinho certamente vão clarear o emaranhado da palavra "tradição" que tanta importância tem no universo da capoeiragem na contemporaneidade.

A tradição, do oprimido e do opressor

A tradição é precisamente este processo de superação dialética do senso comum. Processo de desenvolvimento que elimina, conserva e eleva a nível superior a sabedoria popular. (85)

Coutinho elabora uma "concepção dialética da tradição" entendida como *praxis* criadora; tradição viva; articulação orgânica do tipo sujeito/objeto, forma/conteúdo, povo/patrimônio-histórico-cultural.

Este tipo de "tradição" enfocada por Eduardo Coutinho é bem diferente de pensar que a "tradição" é a repetição, sem possibilidades de mudança, de determinadas formas do passado.

Coutinho também indaga por quais mecanismos a *tradição* - como forma contínua no tempo, mas também como *praxis* criadora - é transmitida de uma geração a outra, e cita Muniz Sodré:

por meio da narrativa ...
(e daí o entendimento das diferentes formas narrativas) como manifestações de uma concepção de mundo particular,

isto é, como falas da história. Falas que constroem, a partir de traços que testemunham o passado, uma historicidade conveniente às perspectivas de determinado grupo social e garantem a sua memória coletiva...

Diferentemente da comunicação dialogal - a comunicação no espaço, com emissor e receptor presentes -, a comunicação intemporal constituiu, portanto, um processo em que o sujeito histórico, a um tempo emissor e receptor, responde às gerações futuras as questões propostas pelas gerações passadas. (86)

Coutinho esta se referindo à *tradição* "como um processo objetivo em que o legado cultural é reelaborado pelo sujeito" (87), na perspectiva de uma classe social que, desta maneira, impõe à sociedade sua visão de mundo; isto "nos permite entender a tradição como um processo de construção de hegemonia" (88).

Por exemplo: a "tradição" que é usada por uma classe (Paulinho da Viola e os sambistas, ou os capoeiristas, etc.) na luta (e convivência) com as classes dominantes. Estes sambistas, ou capoeiristas, podem usar a *tradição* como uma arma, ao procurar mais espaço para si, mas sem ter de se submeter aos valores da classe dominante ou hegemônica; sem ter que se submeter a "tradição",

tal qual ela é vista pela classe dominante._

E assim:

podemos falar em tradições hegemônicas, que reafirmam a visão do mundo das camadas dominantes, e em tradições contra-hegemônicas, que reconstroem a história na perspectiva das classes subalternas...

(a cultura dominante) tende à unidade, à organicidade e à coerência, enquanto que aquela (cultura popular) é desagregada, contraditória, anacrônica, ideologicamente servil e caoticamente estratificada. (89)

Existiria, em oposição a "concepção dialética da tradição" de Coutinho, uma "concepção metafísica da tradição" usada pelas classes dominantes: quando Macunaíma, o mais famoso herói (ou anti-herói) da literatura brasileira, recupera a pedra Muiraquitã, nos conta Coutinho, "não encontra nela o caráter - a identidade - de seu povo, mas tão-somente um objeto, uma tradição petrificada, uma cultura morta" (90). Esta "cultura morta" seria o resultado do uso da tradição com uma "concepção metafísica da tradição" (típica das classes dominantes).

Eu creio que estas idéias já são suficientes para entender que Coutinho está dizendo: nós, os capoeiristas, devemos ter forte raízes nas tradições do passado: a cultura africana; as *maltas* cariocas dos 1800s; os mestres Bima, Pastinha, e a Velha Guarda de Salvador; os grupos de capoeira que foram criados nas décadas de 1960, 1970 e 1980, etc. Mas não devemos apenas guardar esta herança num museu (como foi feito com a pedra Muiraquitã). Devemos utilizar estas tradições, este saber, para resolvermos os problemas do presente.

No caso específico que estamos estudando - autoridade, hierarquia, e violência no "sistema de academias" -, poderíamos "perguntar ao passado:

- a linha de ação X, do século Tal, na cidade Y, deu certo?
- até que ponto?
- quando foi que deixou de funcionar, e porque?
- como era a sociedade no século Tal, na cidade X?
- e agora, o que isto pode nos ensinar, tendo em vista as condições atuais?

Para aqueles que querem ir mais fundo na viagem de Eduardo Coutinho, aqui vão mais alguns enfoques:

A "concepção metafísica da tradição" que é usada pelas classes dominantes, utiliza os museus, estátuas de generais e presidentes, a música clássica, a universidade e o saber acadêmico para reforçar a idéia

de que "classe dominante" é classe dominante e ponto final; as "classes oprimidas" sempre estiveram aí, e devem continuar a estar, para quebrar pedra na pedreira e dar boa vida aos ricos e homens de poder. Isto seria uma tendência conservadora presente em várias áreas (senso comum, ciência, religião, política, etc.), que abstrai a cultura de seu processo histórico, e desconsidera o papel ativo do sujeito na reconstrução dos signos do passado. E poderia ser:

- objetivista: que considera o legado da "tradição" como uma espécie de dom divino revelado no início dos tempos e reproduzido de maneira passiva; é o "tradicionalismo" como tendência política;

- ou subjetivista: a cultura como sujeito, "espírito do povo"; "culturalismo" como tendência científica; onde todos membros de uma sociedade arcaica (como a capoeira) participariam de uma cultura única, negligenciando a existência de "forças antagônicas, isto é, de conflito" (91) dentro dos grupos que receberam aquela tradição como legado.

Este enfoque, expresso "no chamado 'discurso da autenticidade', possui grande afinidade com os discursos mitológicos e religiosos" (92). Quanto à religião, p.ex., a gente vê padres, rabinos, clérigos e pastores mantendo suas posições de poder, e faturando em cima da Bíblia (um livro "muito antigo e tradicional").

Neste contexto, e citando Mariátegui, Coutinho

desvincula "a tradição dos oprimidos do tradicionalismo conservador" (93).

Este tradicionalismo conservador - cujos fundamentos filosóficos são natureza e história; ou como queria Burke, "uma ordem natural, estabelecida por Deus, consolidada pela experiência humana" (94) - poderia ser pensado como uma espécie de *formalismo* que se manifesta também de duas maneiras:

o apego a uma forma cujo conteúdo, superado pelo desenvolvimento histórico, corresponde aos interesses de uma classe que sobrevive ao seu destino (Burke, Maistre, Bonald)...

(e/ou) como apropriação, por determinado grupo social, com a intenção de legitimar novos conteúdos (algo como a "invenção das tradições" de Hobsbawm) ...

Em ambos os casos, trata-se, nos termos de Marx, de uma farsa... Marx escreveu que os fatos e personagens de grande importância na história ocorrem duas vezes: a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. (95)

Coutinho observa que "o tradicionalismo tem sido utilizado como um 'artefato reinterpretativo' de

conservação das antigas relações de poder" e cita Sodré:

os colonizadores europeus têm sido grandes fabricantes de 'tradições étnicas' no chamado Terceiro Mundo, com vistas a uma melhor administração de contradições e conflitos. (96)

Enquanto tendência, o tradicionalismo conservador seria "um fenômeno ideológico inerente, em princípio, a todos os regimes em que vige a propriedade privada de produção". (97)

Vemos então os diferentes usos que se pode fazer do conceito de *tradição* dentro do universo da capoeira:

- alguns podem nos fortalecer como capoeiristas inseridos no nosso tempo, ligados fortemente aos capoeiristas do passado, e respondendo às perguntas e questões do presente com o saber que herdamos dos que vieram antes de nós;

- mas, outras vezes, o conceito de *tradição* é usado descaradamente por aqueles (de dentro e de fora do mundo da capoeira) que querem nos oprimir e dominar.

Felizmente em casa de malandro, vagabundo não pede emprego.

Estratégias na luta pela hegemonia

Enriquecidos com os enfoques sobre a tradição de Eduardo Coutinho, vamos agora ao que nos propusemos: o estudo das "estratégias na luta pela hegemonia" dentro do universo da capoeira

Muniz Sodré diz:

O que se tem como certo é que todo Estado-Nação procura instituir uma "comunidade nacional" na base de uma etnicidade fictícia; o que não se entende como uma ilusão qualquer, mas como a montagem pela ilusão de um efeito institucional com sentido histórico e político preciso. A partir de critérios linguísticos, históricos e biológicos, o Estado nacional "eticiza" a população essencializando as suas representações psicossociais por meio de ideologias nacionalistas ou mitos de identidade baseados em cultura, origem e projeto coletivo presumidamente comuns. O investimento da consciência do sujeito por uma identidade étnica pode ser tão grande que certas formas de incerteza em relação a tal identidade geram

violência social. (98)_

A partir de aproximadamente 1950, quando a capoeira migra da Bahia para o Rio e São Paulo, uma estratégia semelhante à explicada acima por Muniz Sodré, também é usada pelos jovens mestres com suas "populações": os iniciantes e "alunos graduados".

Os jovens mestres tornaram seus grupos (ou associações) mais coesos "essencializando as suas representações psicossociais por meio de ideologias" ("nossa associação é a melhor": ou "nosso grupo é o mais eficaz de porrada"; ou "é o mais tradicional, que realmente defende as raízes negras", etc.). E os jovens mestres também usaram, de forma semelhante aos ideólogos do Estado-Nação, "mitos de identidade baseados em cultura, origem, e projeto coletivo *presumidamente comuns*" ("o que era bom para o mestre, também tinha que ser bom para os alunos, e até mesmo para a capoeira").

Neste processo "que procura instituir uma comunidade coesa" (no caso presente, "um grupo de capoeira coeso"), também vemos mecanismos para desqualificar os outros grupos sob diferentes pretextos: "não tem competência", "não tem tradição", etc.

E, na sequência, o uso de uma poderosa ferramenta: a criação de um "inimigo externo". Sem jamais terem lido Freud, estes jovens mestres sabiam de cór e

salteado a lição ensinada pelo Pai da Psicanálise:

Freud (em *O mal-estar na civilização*) considera que a civilização, para conseguir manter unida uma comunidade, lança mão de fortes identificações entre seus membros. Ele argumenta não ser natural do homem ter afeto por um estranho, e a máxima "ama o próximo como a ti mesmo", bem mais antiga do que o segundo mandamento, na vida cristã, consegue consolidar-se e impulsionar o indivíduo em direção ao grupo através de estratégias que pretendem limitar os instintos agressivos, a hostilidade primária do ser humano. Ele considera ainda ser "sempre possível unir um considerado número de pessoas no amor enquanto sobram outras para receberem as manifestações de agressividade". Dessa forma, passa à explicação de como se estabelecem as rixas entre grupos, que confirmariam o que nomeou de "narcisismo de pequenas diferenças", cuja existência demonstra ser necessária, principalmente diante do fato de serem a hostilidade e a agressividade inatas ao ser humano.

Os limites para os instintos agressivos são indispensáveis à continuidade da civilização, como também o são seus ingredientes que, dosados, têm papel importante, a exemplo da competição e da luta. (99)

Este "inimigo externo" - fator essencial na solidificação interna dos grupos contemporâneos de capoeira - não é mais o feitor, o capitão-do-mato, ou o dono de escravos. Tampouco é a sociedade injusta e preconceituosa. Nem mesmo os órgãos de turismo que "tentam transformar o rito em *show*", ou a tara pedagógica que "tenta transformar a brincadeira em esporte sério", como apontou Muniz Sodré (100). Ou a televisão "com seu discurso consumista e desterritorializante"; ou a internet que "rouba horas do convívio real e pessoal entre as indivíduos, canalizando-as para o convívio virtual".

O "inimigo externo" criado pelo jovem mestre são os *outros grupos de capoeira*. E, em alguns casos de paranóia galopante, agravado pela súbita conquista de uma posição de poder - que não são tão raros -, o "inimigo externo" é todo o restante do universo da capoeiragem.

A finalidade desta estratégia é dar consistência interna ao grupo; e "irradiar" uma "Verdade" sobre as "verdades individuais" dos alunos, seja esta "Verdade"

uma invenção (uma tradição inventada", como nos ensina Eric Hobsbawn) (101), ou as fantasias autoritárias, narcisistas, ou paranóicas, daquele mestre. (102)

Estas estratégias usadas pelos mestres da capoeira, desconhecidas da quase totalidade de os alunos, já foram usadas por conhecidos ditadores, tanto da direita quanto da esquerda.

Muniz Sodré nos conta (103) que, em 1943, o governo norte-americano pediu ao psicólogo e psicanalista, Walter Langer, uma avaliação da personalidade de Adolf Hitler. Para Hitler, as massas teriam um caráter essencialmente feminino, onde predominaria o afeto e as emoções, sobre a razão.

{Hitler) procura primeiro "sentir" os seus ouvintes e começa sempre com cuidado, num tom de voz normal e de maneira objetiva. À medida que prossegue, no entanto, a voz começa a elevar-se e o ritmo acelera-se... Já aí, desapareceu toda objetividade, já está simplesmente desvairado... Ele constrói cuidadosamente inimigos imponentes como os judeus, os bolchevistas, os capitalistas e as democracias, para depois demoli-los impiedosamente. (104)

Nos seus discursos, nós ouvimos a voz abafada da paixão sensual retirada da linguagem do amor; ele grita com ódio e voluptuosidade; um espasmo de violência e crueldade. Toda a sua gama de sons é tirada de becos sórdidos dos instintos. Fazem-nos lembrar nefandos impulsos por muito tempo reprimidos, (105)

(Hitler) não entrou em campo em função de alguma extraordinariedade, mas por sua inequívoca rudez e pela manifestação de sua trivialidade. (106)

Nelson Rodrigues dizia que um "idiota fundamental" subia num "caixote de querosene da marca Jacaré" e começava a bradar as suas babaquices e insanidades; imediatamente milhares de outros "idiotas fundamentais" se alinhavam à volta aplaudindo-o entusiasmamente.

Este "transbordamento da emoção" que vai até a "exaltação característica dos fanáticos religiosos" é visto por Kant como "um meio de ocultar a própria ignorância" (107).

Muniz explica que, além disto, "a instilação coletiva do medo (tida por Hobbes como a emoção fundamental) faz parte de estratégias contemporâneas de controle de

comportamentos"; e que a "invenção de alguém a quem se atribui as culpas latentes e manifestas no corpo social, é atualíssima para os grandes demagogos" (108).

Outra característica é que quando observamos o "sistema de academias de capoeira", vemos que uma parte importante, além do uniforme e da graduação e etc., é o "método de ensino". O "método de ensino" é altamente excludente. Exige que os golpes e movimentos sejam executados exatamente como aquele mestre (ou aquela academia, ou estilo de capoeira) acha "correto" - "não é assim, imbecil; o *certo* é assim!"

Isto resultou numa homogeneização do jogo dos capoeiristas de um mesmo estilo, de um mesmo grupo, ou de uma mesma academia, a partir aproximadamente de 1980. A maneira de jogar, que deveria ser diversa conforme a personalidade, biotipo, criatividade, cidade de cada jogador, desapareceu. Os alunos se tornaram clones de um "modelo de jogar"; são "capoeiras-robôs" do estilo regional-senzala-abada, ou do estilo angola-da-linha-de-mestre-Pastinha, ou nova-geração-independente, etc.

A pressão, que visa criar um "grupo coeso", não permite emergir o indivíduo singularizado - o que paradoxalmente deveria ser a própria dinâmica da "viagem" do jovem jogador pelo universo da capoeira.

Outra consequência importante da luta pela

hegemonia foi o aumento da violência nos jogos dentro da roda. Na disputa pelo mercado de alunos, os mestres começaram a orientar seus jogadores mais eficientes a irem a outras rodas para baixar a porrada; desmoralizar o mestre e alunos daquele local; e, assim, conquistar mais alunos. E para que seus alunos fossem "eficientes", era necessário aumentar o nível de competitividade e violência dentro da roda de sua própria academia.

Esta "estratégia de violência" começa a ser implementada inicialmente no Rio, por volta de 1975; migra para São Paulo e logo para todas as demais cidades; e vai num crescendo até que, uns 10 anos depois, a situação foge do controle dos próprios mestres que a implementaram; alguns jovens morrem em decorrência de pancadas que tomaram durante o jogo; ocorre um tiroteio na saída de uma roda num bairro chique do Rio de Janeiro, etc. Os jovens mestres percebem que as notícias estão vazando para a imprensa e compreendem que vão "queimar o filme". Conseguem, finalmente reverter a situação, controlando os "porradeiros" (por volta de 1990) que eles próprios haviam criado.

A primeira reação de qualquer pessoa com ideais humanitários e democráticos é condenar esta "estratégia de violência". Mas esta reação de condenação e estes ideais, assim como a visão da "mãe de família", ou dos moderninhos "politicamente corretos", pertencem todos

ao Sistema, ao "mundo dos otários", e tem pouco a ver com a *malícia* ou a *filosofia da malandragem*.

Para *vermos* realmente a questão temos que lembrar que já existia uma "tradição" que remetia à violência entre as tribos africanas, às *malts* cariocas dos 1800s; e também uma "tradição" mais recente, quando as rodas começam a se formar por volta de 1920, e as academias em 1930/40 - existiam as inimizades pessoais, e também a concorrência comercial pelos alunos e pelos *shows* de turismo, entre mestres de Salvador nas décadas de 1930, 40, e 1950.

O que diferencia o Rio e Sampa após 1970, é que as estratégias de violência começaram a ser usadas de uma forma mais brutal, mais "capitalista selvagem". Isto é compreensível: a grana que rolava no Rio e em Sampa era muito maior que em Salvador.

No entanto apesar de terem privilegiado a exclusão e violência, é necessário não demonizar completamente a minha geração (nascida por volta de 1945):

1. Existe uma grande diferença entre a estratégia do Estado que "procura instituir uma comunidade nacional", e a usada pelos jovens mestres que procuram dar uma coesão interna ao grupo. A do Estado é imposta de cima para baixo, de fora para dentro. Enquanto que a estratégia dos capoeiras poderia (quem sabe?) estar mais perto - como vimos com Coutinho (108)_ e sua "dialética da tradição" - de uma "re-elaboração da

tradição". Tradição como um "operador político capaz de reelaborar o acervo cultural legado pela história como patrimônio", na qual é fundamental a "articulação orgânica" entre estes mestres e a própria capoeira.

2. Além de tudo isto, este antagonismo entre academias, e a acirrada competição interna entre alunos, talvez seja parte de um mecanismo para manter a capoeira com características "nômades", impedindo que uma estrutura "sedentária", como a do Estado e de nossa sociedade, infiltre-se na capoeira; como veremos com o *Mille Plateaux*, de Deleuze e Guattari.

3. Não podemos esquecer que, apesar de seus possíveis pecados, foi esta geração (nascida por volta de 1945) que levou adiante, e ampliou, o projeto do "sistema de academias" dos mestres Bimba e Pastinha, impedindo que a capoeira se extinguisse. Algo que não aconteceu com outros "jogos de combate" resultantes da diáspora africana, como a *ladja* (da Martinica) e o *moringue* (das Ilhas Reunião), que continuaram na sua forma tradicional (sem a "academização") e definharam no começo dos 1900s até desaparecerem.

4. No entanto (diriam outros), se a capoeira é uma ferramenta para o auto-desenvolvimento; um processo de evolução pessoal e singularização; certamente é um absurdo que um aluno com 30 anos de idade e 15 de capoeira, pai de família e independente economicamente, tenha de telefonar para seu mestre para saber se ele pode ir no lançamento do CD de

músicas de capoeira do Fulano de Tal.

São estes diferentes enfoques que vamos estudar nas páginas seguintes.

O sonho do jovem capoeirista

Hoje em dia, um jovem jogador influenciado pelas idéias de sucesso e pelo desejo de consumo, olha em volta e observa os capoeiras que sobressaem no panorama geral. E o que ele vê?

A nível local - numa cidade, ou numa pequena região, ou numa associação ou grupo -, alguém com um alto nível de jogo pode se destacar, ter prestígio na capoeira e com as meninas, e também ganhar grana. Mas, saindo de sua cidade ou da área em que mora, este ótimo jogador não vai estar com essa bola toda: apesar de ser reconhecido como excelente capoeira em outros lugares, são outros jogadores, que jogam tão bem quanto ele e que, além disto, moram no local e já formaram suas "redes de contatos" que estão por cima.

Então, quem é que tem prestígio, a nível nacional ou internacional?

Certamente os (poucos) *velhos mestres*. Mas, de certa forma, para o jovem jogador que olha em volta a fim de armar sua estratégia dentro do mundo da *malícia*,

estes não contam: ser velho mestre é uma questão de idade e experiência, e nem tanto de uma estratégia que possa levar o camarada - ainda jovem - pra dentro daquele pequeno grupo que tem cartaz e é reconhecido e respeitado por todos.

Algumas outras figuras também têm seu nome no gibi: os *bons de porrada*, que tiram uma onda de valente e durão. Eles vão nas rodas e saem no pau com quem estiver presente. O lema é: "entra quem quer, sai quem pode".

Mas o jovem jogador, que já tem uma certa quilometragem, sabe que esta estratégia é extremamente perigosa, pois só funciona a curto prazo: durante uns cinco anos o "bicho" é fulano; nos anos seguintes já é sicrano: mais três anos, e é beltrano que está sendo comentado e falado.

O cara sobe até uma certa altura, mas pra ficar lá é necessário muito mais gás do que o que se usou na subida. E o tempo vai passando, o cara começa a ficar cançado, outros vão aparecendo com força total. Pois pra ser porradeiro não é tão difícil, e muita gente se candidata: basta uns poucos anos de treino, tomar uns anabolizantes, e colocar a disposição e a fé a serviço da violência.

"E o fulano, que era o bicho há tempos atrás?"

"Tá por aí. Parece que está dando aula não-sei-aonde..."

Dando aula e correndo atrás pra não perder o resto do prestígio que tinha no passado. Mas não tem jeito: valente, hoje em dia, é que nem a gostosa do verão - cada ano é uma.

E o cara que foi o valente de ontem, ao sentir que seu tempo está pra terminar, só tem uma saída: dar um *salto mortal revirado* junto com o *pulo-do-gato*; aproveitar o prestígio, tirar a roupa de valente e vestir a de jovem mestre "maduro e cabeça-feita" que viveu de porrada no passado mas, agora, está noutra. E tentar enveredar por aí.

Mas é um lance difícil.

Exige inteligência, dedicação, paciência, malandragem - e sobretudo sorte. Quase ninguém consegue pular por cima deste abismo, que é o beco-sem-saída do valentão porradeiro. Ainda mais, levando em conta que a quase totalidade dos porradeiros são limitados - em termos de cabeça -, e a maioria não passa de tigre-de-papel (apenas fachada, e nenhum valor "interno").

Então, se o lance da *Velha Guarda* depende do tempo, e a jogada do *Porradeiro* é uma viagem de curto prazo, quem mais se destaca? ... é isto que o jovem jogador, que quer armar sua estratégia pra vida, pergunta a si mesmo.

Ora, os *chefes dos mega-grupos* - é claro!

Os mestres que têm grupos com dezenas e mesmo

centenas de professores filiados.

Eles tem carro, moto do ano, casa própria, dinheiro pra gastar, prestígio com o mulheroio, são respeitados no universo da capoeiragem, viajam pra baixo e pra cima, e são tratados como estrelas - pelos capoeiras locais - onde quer que cheguem.

E como chegar até lá?

Bom, pra começar: treinar pra caralho. Estes mestres - ou quase todos eles - são excelentes jogadores.

Depois, começar a dar aulas e se dedicar integralmente a isto, de uma maneira extremamente profissional - e comercial -, sem deixar cair o lance do treino e da forma física.

Pra finalizar: construir o grupo. Criar alunos bons e transformá-los em professores, exigindo deles muito treino e responsabilidade. Criar "inimigos externos": os outros grupos e academias. Com o "inimigo externo" é mais fácil uma "coesão interna" no seu grupo.

E mais: manipular a cabeça dos alunos; absorvê-los completamente; dar-lhes oportunidades e ao mesmo tempo controlá-los. Jogar uns contra os outros, quando for necessário; usar elementos de paranóia fazendo que o desenvolvimento de um ameace os demais - com isso vão se empenhar mais.

E, quando o grupo já tiver um certo nome, é a hora de começar a absorver os professores que vem de fora e que estão meio sem rumo, e dirigi-los com mão-de-ferro.

Parece complicado, mas não é. Os modelitos já

estão aí, desde a década de 1960. Dá um bocado de trabalho duro, e é preciso persistência e força de vontade. O camarada vai ter muito pouco tempo pra curtir e, quanto mais subir, mais trabalho vai ter.

Ele vai viajar, mas pouco tempo tem pra saborear o lance.

Vão pintar mil brotos dando mole mas, até pra namorar, o tempo é curto - raramente dá pra tirar um fim-de-semana pra ficar exclusivamente ao sabor da sacanagem.

A agenda está sempre cheia.

Os lances estão sempre atrasados.

Tem sempre um montão de aporrinhção e problema pra resolver.

Com o tempo, cada vez mais, dorme-se pouco e trabalha-se muito ...é um trabalho duro. Que nem o de um cara que sobe como executivo numa grande firma; ou que nem um cara que abre um negócio que começa a prosperar, mas que não exige nenhum dote excepcional como o de um Pelé ou um Garrincha (exige apenas trabalho duro!).

Mas com uns quinze anos nesta jogada, já se vêem os resultados: o camarada já conquistou um certo nome. E, aí, ele pode chegar nos lugares e tirar aquela onda. Aliás, este se torna praticamente o único prazer, pois todo o tempo está tomado pelo trabalho e pelos compromissos pra manter a bola rolando.

A *Velha Guarda* e o tempo; os *Porradeiros* e a viagem de curto prazo; os *Chefes dos Grandes Grupos* e o trabalho alienante de executivo dono de empresa...

Mas... e aquele lance que o mestre Pastinha falou da capoeira: "...é um hábito cortês que se desenvolve dentro da gente... capoeira é uma coisa vagabunda".

E aquele negócio de "vadiação"?

E o negócio da malandragem e da *malícia*?

Não é pro cara curtir e abrir caminho "nas rachaduras da fachada aparentemente impenetrável da sociedade"?

O lance é ter tempo pra curtir - numa boa - a vida, o mundo, e a capoeira?

Ou não é?

No entanto, um jovem jogador que olhe em volta à procura de exemplos e de estratégias pra se dar bem; se olhar bem, vai ver que tem umas figurinhas dançando dentro da briga, viajando de montão, se dando muito bem, cheios de amizades, e curtindo até não poder mais - e ele nem tinha reparado neles antes.

Ele vê um Leopoldina, no Rio de Janeiro; um Lua "Rasta", em Salvador... (109)

A estratégia de violência era a única opção?

O que podemos concluir após fuxicar "o sonho do jovem capoeirista", é que além da "estratégia de

violência" que foi escolhido pela imensa maioria dos jovens mestres a partir da década de 1970, haviam também outras - "um Leopoldina, no Rio de Janeiro; um Lua Rasta, em Salvador" -, com representantes de igual "sucesso", e igualmente em harmonia com a tradição africana, das *maltas* cariocas de 1800, das rodas de 1920 e academias de 1930/40 em Salvador. Pois, apesar de existir a violência em todos estes contextos do passado, a verdade é que a violência não era a característica básica que os definia.

Por outro lado, Reis nos falou a respeito da luta pela hegemonia entre Salvador e outras cidades, algo que obscureceu a memória das *maltas* cariocas de capoeira (dos 1800s); não só pelo Estado Novo, mas também por mestres como Bimba e Pastinha:

disputa travada em torno da 'autenticidade' da capoeira inserida num debate político mais amplo que envolve a construção das identidades regionais e a luta pela hegemonia da cultura negra no país. (110)

Nesta outra "disputa pela hegemonia", entre Salvador e as outras cidades, bem anterior a 1960, também não foi usada uma "estratégia de violência"; a disputa se dava mais pelo debate, pelos mestres que, através da

palavra, legitimavam (ou não) determinada capoeira.

Ou seja, existem vários tipos de estratégia na luta pela hegemonia; a escolha cabe às pessoas na liderança de um movimento. E, evidentemente, o líder se torna responsável por sua escolha.

A violência nas rodas, dentro e fora das academias

Falamos da *tradição*, que também pode ser usada por aqueles que desejam se manter no poder, ou que pode ser invocada para justificar descabros (111) - foi o caso da onda de excessiva violência nas rodas.

Os mestres que implantaram esta violência justificavam-se dizendo que estavam "fazendo um bem à capoeira", estavam "defendendo a capoeira e suas tradições", ao desqualificar (através da violência) "quem não tinha competência". Mas, na verdade, os mestres estavam usando a violência para conquistarem mais alunos e mais poder.

A partir aproximadamente 1975, a violência nas rodas de capoeira, tanto nas rodas de rua quanto dentro das próprias academias, aumentou sensivelmente. Rio e Sampa foram os centros irradiadores desta tendência.

Os alunos trocavam socos, se agarravam, rolavam pelo chão, chutavam a cara do outro que estava acocorado no "pé do berimbau"; num descabro total

que não tinha nada a ver com o chamado "jogo duro" (que tem seu espaço, e sua razão de ser, dentro das várias possibilidades oferecidas pela capoeira).

Quase sempre o "porradeiro" agia em grupo: visitava as outras academias com outros "porradeiros" de seu próprio grupo.

Repentinamente, vários capoeiristas fracos de jogo, fracos de cabeça, e fracos de "fundamentos", começaram a ter um destaque dentro das academias. Além de "visitar" as outras rodas, eram eles que melhor seguravam a barra quando havia visitantes dentro de sua própria academias (e troca de pancadaria).

Estes alunos "porradeiros" eram incentivados, na surdina, por seus mestres. Os mestres os utilizavam para desqualificar as outras academias, e para lançar o caos e o temor; ao mesmo tempo que valorizavam seu próprio grupo. Era uma clara "estratégia de violência" em busca da hegemonia e do mercado de alunos.

Uma clara "estratégia de violência *interna*", uma vez que era de uma academia contra as outras, similar à que existiu entre as *maltas* de capoeira cariocas nos 1800s; se bem que entre as *maltas* não existia o "mercado de alunos", o que existia era "um território". Esta "estratégia de violência" funcionou para as *maltas* durante todo os 1800s; mas quando as *maltas* se ligaram, cada vez mais, aos políticos e aos homens de poder (ganhando dinheiro

e *status* com isso), isto coincidiu com a com a mudança política da Proclamação da República e acabou causando a proibição da capoeira por lei, e a dizimação da capoeiragem carioca, pela polícia, na década de 1890

Uma explicação óbvia e simplista para o aumento da violência, a partir de 1975, era ser um reflexo de condicionamentos históricos somados a características da sociedade capitalista:

1. Quando mestre Bimba abriu a primeira academia de capoeira em Salvador, na década de 1930, estávamos sob a ditadura de Getúlio Vargas e do Estado Novo. Quando, num segundo momento, a capoeira migrou para o Rio e São Paulo, e as academias começaram a ter um sucesso nunca visto antes; estávamos sob a ditadura militar de 1964-1984. Era de se esperara que o sistema de "academia de capoeira" tivesse características de autoritarismo militaresco, e também de violência.

2. Também se diz que a violência na capoeira é um reflexo da crescente violência nas grandes cidades; que a violência se deve ao "processo de desterritorialização" advindo com os novos valores propagados pela televisão; etc. e tal.

3. Ou que a violência na capoeira deve-se ao fato de termos conquistado um "mercado de alunos" no Rio e Sampa; o que significava que havia dinheiro como

jamais houvera antes, e daí a disputa.

4. A violência seria o resultado direto da "comercialização" do Jogo, no período 1975-1990. A capoeira teria sido definitivamente cooptada e entrava definitivamente para o Universo Capitalista Selvagem.

Não se pode dizer que estas afirmações estão erradas.

No entanto, são generalizações. Um quadro geral que realmente existia, mas que não explicava os detalhes das engrenagens do aumento da violência; não apontava os atores, não estudava os detalhes do cenário, nem enfocava outros vetores que também agenciaram a onda de violência.

E, por outro lado, não levavam em conta a infraestrutura *nômade* da capoeira (no sentido usado por Deleuze e Guattari, que veremos adiante) (112), que talvez pudesse justificar esta violência.

Eu (Nestor) vivi e fui parte deste processo, convivendo com os principais atores daquele cenário.

O que houve, já na década de 1970 e aumentando progressivamente até 1990 (quando a violência finalmente começou a amainar), foi a ação de alguns poucos jovens mestres de renome que *adotaram conscientemente*, e por *escolha própria*, a "estratégia de violência" no Rio e Sampa, e que, pouco a pouco, foram seguidos pelo resto da boiada.

Estes mestres não estavam basicamente atrás do dinheiro. A grana era, evidentemente, importante. Mas o lance mais forte era o Poder; a conquista da hegemonia absoluta. E isto acarretava desacreditar os outros mestres, e também ter o maior grupo com o maior número de alunos.

Estes jovens mestres, ao contrário do que poderíamos pensar, já pertenciam ao segmento hegemônico e não eram nenhum Zé Arruela. Muitos eram excelentes jogadores; eram pessoas carismáticas; e tão competentes quanto qualquer C.E.O. de uma multinacional de sucesso.

Mas, por outro lado, muitos não tinham resolvido seus problemas de "afirmação machista"; nem tinham dechavado seus traumas (no sentido de Freud), suas paranóias, e suas inseguranças da época da infância e da adolescência - por isto, apesar do carisma e da competência, vamos chamá-los de "Mestres Cabeça-de-Bagre".

Então, depois de ter treinado muito e se tornado um excelente capoeirista; depois de ter formado o seu grupo e ser mordido pela "mosca azul do Poder"; e já tendo as ferramentas necessárias; era uma coisa "natural" que um "mestre cabeça-de-bagre" escolhesse uma "estratégia de violência". Pois a violência está estruturalmente imbricada na problemática da insegurança e da paranóia; e no desconhecimento de nossas próprias

fraquezas "internas".

Além disto, não havia uma real "Violência", como nos confrontos armados entre as gangues das drogas; e nem mesmo a violência das lutas de ringue (das quais os "mestres cabeça-de-bagre" nunca participaram). A violência era uma estratégia inteligente aos olhos de seus implantadores, e também em harmonia com o Sistema Capitalista. Ainda mais, porque o nível técnico dos "mestres cabeça-de-bagre", e de seus alunos mais desenvolvidos, era bem superior ao da maioria dos grupos menores (que existiam em grande número), e assim não corriam um real perigo de derrota.

Com o passar do tempo os "mestres Cabeça-de-Bagre", mais maquiavélicos e "ligados", já não iam eles próprios fazer o "serviço" nas outras academias. Eles compreenderam que aquilo funcionava muito bem dentro do universo da capoeiragem; mas não era bom para a "imagem externa" irradiada para determinados segmentos da sociedade que consideravam a capoeira uma "arte", algo "lúdico" etc. Então:

- faziam a cabeça dos alunos de mentalidade limitada, contra os "inimigos externos";
- ensinavam técnicas de luta; ensinavam os alunos a brigar;
- alguns mestres davam força para que usassem anabolisantes e ficassem imensos;

- ao mesmo tempo, trabalhavam as inseguranças destes jovens alunos, jogando uns contra os outros para que treinassem mais, para que ficassem mais violentos. Estes alunos "porradeiros" eram, as vezes, chamados de "teleguiados", pelos (poucos) mestres "cabeça pensante" da época.

Ora, a verdade, pelo menos como vimos em Freud, é que a violência existe na vida, em mim, e em você; no mundo da capoeira idem.

Mas, neste parágrafo, estamos assumindo o ponto de vista de um Mestre utópico (com "M" maiúsculo); estamos criticando uma "violência mesquinha", em oposição à uma "violência inocente" (vamos chamá-la assim) que seria normal no âmbito da capoeira.

Por exemplo: um capoeirista vai visitar uma academia e começa a jogar com o professor do lugar. O toque é *são bento grande da regional*, e o jogo aos poucos vai ficando duro, e o pau come. Como o visitante tem mais jogo que o professor local, o visitante mete a porrada no professor; o professor dá o trôco dentro de suas possibilidades. Acabou a roda e vamos encontrar o professor e o visitante no maior papo. Trocaram porrada, mas o toque era *são bento grande da regional*; os dois se tornam amigos. O visitante (e o professor) exercitaram uma "violência inocente".

Vamos ver agora outro caso bem diferente: um capoeirista, que sabe que é física e tecnicamente

superior a um determinado professor, resolve fazer-lhe uma visitinha. Mas já vai com a idéia preconcebida de dar porrada, desacreditar o professor, e roubar seus alunos. É o que chamo de "violência mesquinha".

Os "mestres cabeça-de-bagre" se justificavam dizendo que "mestre Bimba já fazia a mesma coisa em relação às rodas dos angoleiros", em Salvador entre 1930 e 1974. Aquela estória de usar a *tradição* para se justificar.

Ou diziam que estavam "ajudando a capoeira", "melhorando o nível", "acabando com os incompetentes".

As desculpas esfarrapadas deram certo e, durante uns 15 anos (aprox. 1975-1990), todo o ensino da capoeira voltou-se no sentido de preparar os alunos para a "porrada", que certamente ia rolar ao receberem os visitantes de outros locais. Por um lado, isto exercitou os capoeiristas na faceta do "jogo duro" e da porrada; mas infelizmente, por outro lado, obscureceu todas as outras facetas lúdicas e artísticas - a coisa toda, o jogo e a mentalidade geral, se tornou grosseira e ignorante.

Quem não conhece o mundo da capoeira poderia perguntar: porque um mestre "cabeça pensante" não proibia a entrada destes "porradeiros", de outras academias, na sua roda "alto-astral"?

É a questão da *tradição*, que neste caso foi mal

interpretada pelos (poucos) mestres "cabeça pensante". Há uma admiração pelo *malandro-valente*, do Rio de 1920; ou pelo *valentão-disordeiro* de Salvador, no mesmo período; pelos *brabos* do carnaval de Recife, também da mesma época. Admiração justificada, pois eles são também nossos "ancestrais"; eles também moldaram fortemente o Jogo e foram parte da construção da *malícia*. Muitos mestres dizem, com razão, que o capoeirista formado tem de estar preparado para qualquer tipo de jogo.

Por isso, demorou anos até que alguns "mestres pensantes" se deram conta que, apesar da admiração justificada pelo *Valente*, os tempos e as necessidades da capoeira haviam mudado. E que, com esta mentalidade aberta, de receber e "dialogar" com os "porradeiros", estavam estragando as rodas e o astral de suas próprias academias. Os mestres "Pensantes" estavam deixando os "Cabeça-de-Bagre" ditarem como as coisas deviam rolar.

E finalmente, inicialmente apenas aqui e ali, mas logo em grande parte do universo da capoeiragem, os "porradeiros" começaram a ser barrados nas rodas, e até proibidos de entrar em determinadas academias. Alguns grupos, de renome ou não, que utilizavam radicalmente a "estratégia da violência", começaram a ser discriminados: a maioria da comunidade da capoeira começou a "dar um gelo" nestes grupos, apesar de alguns serem importantes e representativos.

Em resposta, os "mestres Cabeça-de-Bagre" continuaram incentivando a violência como estratégia (nas conversas com alunos graduados dentro de suas academias); mas condenavam a violência publicamente, chegando a reprimir seus alunos "porradeiros" em público (para depois elogiá-los particularmente). É aquele mesmo lance do político corrupto que faz discurso contra a corrupção.

Mas já era tarde.

Vários capoeiristas, mestres, e grupos, ficaram marcados com o estigma do "porradeiro" e continuam discriminados até hoje; apesar de abertamente, devido à importância e influência de alguns, serem louvados e até receberem homenagens.

Mas quem eram os "mestres cabeça-de-bagre"?

Quem eram os que, a partir das grandes metrópoles agenciaram a onda de violência que se espalhou por todo o Brasil?

Em menor ou maior grau, praticamente todos os que tinham nome, no período 1975-1990; e muitíssimos outros, não tão conhecidos, que entraram na onda.

Dentro deste cenário, a violência foi num crescendo, no Rio e São Paulo, durante todo os 1980s. E logo se difundiu por todo o Brasil; aos poucos; como ondas concêntricas formadas por uma pedra jogada num lago.

Nas outras capitais e cidades menores, esta onda de

violência demorou um pouco à chegar. Mas na sequência, se instalou geral; e continuou a ser sentida durante bastante tempo, mesmo após a onda de violência ter começado a abrandar por volta de 1990, nas grandes capitais.

Houve consequências sérias, como era de se prever.

Houve tiro na saída de academia em área nobre de grande metrópole; e algumas mortes, consequência de pancadas dentro da roda.

A coisa tinha fugido do controle dos próprios "Mestres Cabeça-de-Bagre". Já começavam a aparecer notícias negativas na imprensa (que geralmente demonizava o jiu-jitsu da família Gracie, do Rio); e houve um recuo geral.

Os "Mestres Cabeça-de-Bagre" não eram burros; e, vendo a reação negativa, dentro e (mais ainda) fora da capoeira, mudaram sua atitude e começaram a reprimir, de verdade, os "tele-guiados porradeiros" que eles próprios haviam criado e incentivado.

Por outro lado, no estrangeiro, entre 1975 e 1990, os professores (que ensinavam lá) já comentavam que a capoeira/luta - que tinha grande sucesso no Brasil - não funcionava bem lá fora. Os alunos eram mais velhos, economicamente independentes, e a "briga de rua" não fazia parte de suas adolescências. Os gringos gostavam de treinar, mas preferiam algo que destacasse a parte

musical e lúdica; o cultural/histórico e a "filosofia". E que, além de tudo, fosse um espaço de "encontro" com outras pessoas, com saídas para beber e bater papo nos bares depois das aulas - e, desta maneira, combater a solidão assustadora das metrópoles do Primeiro Mundo.

Era necessário aparar as arestas, e os jovens professores brasileiros assim o fizeram sem descaracterizar a capoeira: deram mais ênfase à música e à parte lúdica, e diminuíram os tipos de treinamento para "viris e combativos" capoeiristas/gladiadores.

Isto, à curto prazo, foi muito positivo para os jovens professores lá fora (atraiu mais alunos); e, a longo prazo, foi muito bom para a capoeira. Mais tarde, já na década de 1990, quando a capoeira na Europa e USA se tornou mais forte, e começou a dar sua contribuição e influir no cenário maior; esta outra tendência - mais "jogo", menos "porrada" - contribuiu positivamente para o momento atual. Instalou-se uma verdadeira Época de Ouro, que a capoeira vive no início do século XXI.

Poderíamos pensar que a Capoeira Angola, que começou a se tornar visível novamente (aproximadamente) em 1985, iria se aproveitar desta característica do mercado estrangeiro, que não se sentia tão atraído pela "estratégia de violência".

No entanto, a Angola não "aconteceu" na Europa, provavelmente devido à mentalidade fechada e sectária. Os professores eram "sérios" e radicais em demasia;

exigiam uma "militância", um "engajamento", um "ativismo" em relação a aspectos "culturais" e/ou "étnicos"; e ao mesmo tempo demonizavam todos outros estilos. Tudo isto parecia bastante "estranho" à maioria dos alunos europeus, que ainda tinham na memória (se não na sua própria memória, seguramente na de seus pais e tios) os radicalismo e nacionalismos, de esquerda e direita, de Stalin, Lenin, Mussolini, Hitler, Salazar e Franco. O sectarismo da capoeira angola, para muitos jovens europeus, era uma coisa tão "repelente" quanto a "estratégia de violência" (usada por muitos mestres de outros estilos).

Nos USA, onde a maioria dos jovens é menos "cultura" que o jovem europeu "médio", e são decisivamente voltados para a televisão e o carro e o *shopping-center*; o movimento da angola ainda floresceu um pouco mais. Mais facilmente entre afro-americanos e simpatizantes que viam, no discurso da angola, uma forma de veicularem seus anseios e frustrações. Houve, inclusive, já na década de 1980, alguns sinais de radicalismo: vários capoeiristas negros americanos tentaram fazer da capoeira angola um território exclusivo dos afro-americanos e, portanto, interdito aos brancos; e mais ainda, (alguns) tentaram fazer uma ponte direta entre afro-americanos e a África, descartando o papel do Brasil na história da capoeira.

Mas a capoeira deu sorte: por volta de 1990, mestre

João Grande (1933), um negro brasileiro que é considerado desde sua juventude como um dos maiores angoleiros de todos os tempos, aluno dileto (juntamente com mestre João Pequeno) de mestre Pastinha (o criador da capoeira angola), mudou-se para Nova Iorque e recusou qualquer forma de discriminação. A academia de mestre João Grande, em Manhattan - uma academia de grande sucesso -, é frequentada por todo tipo de gente.

Hoje (2010), a angola engloba uns 25% da capoeiragem no estrangeiro; e os outros 75% pertencem aos estilos decorrentes da regional (mais lúdicos que no Brasil), e outras tendências (não alinhadas à angola ou à regional).

Mas voltando a "estratégia da violência" que grassou, principalmente, a partir aproximadamente de 1975 até 1990: paradoxalmente houve alguns efeitos positivos posteriores, que só se tornaram visíveis após o declínio da onda.

Um deles foi que, o professor ou mestre que viveu aquele fenômeno e lutou contra (não deixando os "porradeiros" participarem de sua roda, p.ex.), teve de confrontar (e negar) toda uma problemática machista (que também existia dentro de sua própria cabeça). Após a onda de violência se acalmar, por volta de 1990, este professor ou mestre estava mais maduro, mais vivido, com mais *malícia*; e com menos tendência a ser

influenciado por idéias radicais (tanto as do seu grupo ou estilo; quanto radicalismos políticos de esquerda, de direita; ou, até mesmo, os valores da classe média e burguesia).

E alguns dos próprios jovens alunos "teleguiados", que compunham a "turma de frente" dos "mestres Cabeça-de-Bagre", também saíram enriquecidos: viveram a experiência de ser parte de um grupo coeso, treinado, que ia pros lugares para o que "desse e viesse". E com a discriminação da violência (e deles próprios), também amadureceram, vendo que "o que vai, volta"; a "volta que o mundo deu, a volta que o mundo dá".

Mas infelizmente a maioria dos "porradeiros" não chegou a atravessar o túnel e ver a luz no final.

O processo de formar um "porradeiro" envolvia trabalhar as inseguranças do jovem, canalizando-as para um sentimento de "superioridade" sobre os "outros", baseada na força física, na técnica de luta, e a pertencer a um "grupo excepcional". Ou seja, criar um "porradeiro" era criar um "ídolo-de-pés-de-barro".

E quando a ficha caía, e o jovem - agora famoso como "porradeiro" - se dava conta que estava sendo discriminado pela comunidade da capoeira, e que tinha sido manipulado e usado pelo seu próprio mestre, a quem admirava e confiava como a um pai/gurú; isto trazia uma desilusão que marcou muito fortemente, e

muito negativamente, um sem número de jovens capoeiristas "porradeiros" que se afastaram desgostosos da capoeira.

Mas a capoeira é uma escola dura.

Nem sempre quem é "bonzinho" se dá bem; e nem sempre quem é manipulador e ego-centrado se dá mal. Semelhante à vida, a dinâmica vai além de um simplista "bem x mal".

Não pensem que aqueles (então) jovens mestres que implantaram a "estratégia de violência" se deram mal, ou que perderam noites de sono. A maioria continua aí, firmes, fortes, e satisfeitos; agora já curtindo a maturidade (hoje, 2010, têm entre 55 e 70 de idade). Continuam ai porque eram excelente jogadores, porque eram competentes, e porque tinham *malícia*. Fizeram uma escolha - violência -, mas conseguiram parar o trem antes que descarrilhasse.

Isto que não aconteceu, p.ex., com a maioria dos capoeiristas das maltas cariocas dos 1800s, que estavam ligados aos políticos monarquistas. Estes capoeiras foram pegos de surpresa pela Proclamação da República e a terrível perseguição policial que se seguiu, e dançaram.

Já no final deste outro momento, entre 1975 e 1990, quem se deu mal foi o "teleguaido porradeiro"; tiraram uma onda em cima dos mais fracos (sob os auspícios de seu mestre), sem prestar atenção ao que estava

acontecendo ao redor, e sem se dar conta que estava sendo manipulado. Passarinho que come pedra tem que saber o cú que tem.

Aliás, os mestres, tantos os "ex-cabeças-de-bagre", quanto os que eram mais jovens e também embarcaram na onda de violência, estão mais do que satisfeitos.

Basta ouvir o discurso contemporâneo ufanista:

1 - a capoeira é "uma luta de liberdade" ("... no passado contra os escravagistas, e no presente contra a sociedade consumista de autômatos"), dizem *regionais* e *angoleiros*.

Mas na minha opinião, a "liberdade" que meus prezados colegas apregoam, só existe no discurso deles. Dentro da academia o que vemos é o autoritarismo militaresco dos mestres, e dos alunos mais graduados para com os iniciantes; e entre as academias existe inimizade, ao ponto de um aluno de determinada academia não poder passar perto da roda de um outro grupo, etc.

2 - a capoeira é "criatividade e improvisação", é "expressão pessoal de cada indivíduo", dizem meus colegas de sucesso.

No entanto, eles ensinam seguindo um modelo extremamente rígido, onde as coisas são "certas" ou "erradas". Os alunos são tão condicionados a se movimentarem de determinada maneira que, na verdade, o que chamam de "improvisar" é apenas re-

arranjar determinadas "sequências de movimentação" de diferentes maneiras.

3 - a capoeira é (segundo os novos mestres da *angola*) "tradição".

Olha aí a "tradição" novamente. Mas se seguissem realmente a *tradição*, deveriam também incluir, p.ex., a "vadiação" da roda de mestre Waldemar no bairro da Liberdade, em Salvador nos 1950/1960 (roda regada à cachaça e cerveja); e não, apenas, uma postura séria e "careta", onde, p.ex., não se pode jogar descalço; e se a camisa sair para fora da calça, o jogo tem de parar, para o jogador se arrumar e ficar "bonitinho" e dentro dos padrões de "decência e correção" da classe média. Além disto, e isto é o mais importante, "tradição" não quer dizer um discurso fechado e sectário.

De um ponto-de-vista externo e macro, completamente diferente (e em oposição a esta minha visão interna e micro), esta dinâmica da violência também pode ser entendida - e também é - um reflexo da globalização, onde as grandes multinacionais engolem as empresas menores.

Mas, repito: a estratégia de violência não era "a única alternativa", e os "mestres cabeças-de-bagre" que a implataram não eram joguetes inocentes da "sociedade injusta"; foi a escolha fria, pensada, e consciente de alguns.

Foi uma época chata e sem brilho; semelhante à do

"futebol fôrça", da qual Dunga foi um famoso representante e, mais tarde, quando técnico da Seleção Brasileira de Futebol, levou o Brasil à derrota de 2010.

Foi uma época chata e sem brilho, e as rodas perderam a graça naquele período.

A "visibilidade" e o "visual"

Junto com a onda de violência, de 1975 até 1990, percebíamos também mudanças, bem evidentes, no "visual" das academias e dos capoeiristas. O conceito de "estrato", de Michel Foucault, pode nos ajudar a entender melhor este período, para finalizarmos este capítulo.

Os "estratos" são formações históricas feitos de "coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidade e campos de legibilidade".

Foucault espera, da história, uma "determinação dos visíveis e enunciáveis em cada época" (113), nos explica Deleuze. Ou ainda: quem tem o poder de dizer "o que aquilo é", e como estes pontos de poder se relacionam (ao invés de saber se o que está sendo dito é "verdade ou não").

Deleuze parece, também, enfatizar que não se trata, em Foucault, de uma história das mentalidades, ou dos comportamentos - enunciados e visibilidades são

elementos puros, condições *a priori*. Nem tampouco do "espírito da época"; nem de algo similar aos arquétipos de Jung - sempre os mesmos, que se apresentam diferentemente conforme época e local.

As evidências, de época para época, é que são diferentes; as rupturas é que são enfatizadas por Foucault.

Vamos seguir as pistas da "visibilidade":

as visibilidades não se definem pela visão, mas são complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multisensoriais que vêm à luz.
(114)

Após a década de 1930, quando Vargas permitiu a prática de capoeira "em recinto fechado", a capoeira era praticada dentro de uma roda formada pelos jogadores.

Entre estes alinhavam-se, um ao lado do outro, os que tocavam os instrumentos musicais, que eram, geralmente mas não necessariamente, os mais velhos e mais conhecedores do jogo.

Esta roda podia ser dentro de um "recinto fechado": uma sala, como a academia de mestre Pastinha ou Bimba, no Largo do Pelourinho, em Salvador, na década de 1960. Ou então ser uma roda em local aberto (apesar da restrição "recinto fechado", imposta por Vargas),

como a roda regida por mestre Waldemar da Paixão, no bairro da Liberdade.

A roda - e a capoeira - apresentava-se com uma certa *visibilidade* para quem olhasse "de fora". Por outro lado, a roda também apresentava uma certa *visibilidade* para os capoeiristas que participavam dela: viam todos seus camarás no mesmo círculo que eles.

Nas cerimônias do candomblé havia, também, uma roda com os tocadores de atabaque alinhados em um certo local. O mesmo para uma roda de samba.

Coisas diversas, sem dúvida.

Mas para um estrangeiro acostumado ao palco italiano (os assistentes sentados na platéia, e a orquestra no fosso), esta "exótica" visibilidade brasileira era semelhante, tanto no candomblé, no samba de roda, e na capoeira.

No entanto, algo diferenciava a capoeira do candomblé: o berimbau, que "comanda" a roda, passava de mão em mão. O mesmo acontecia com os outros instrumentos musicais. Além disto, num momento, uma pessoa "puxava o canto"; noutra, era outra. Os papéis eram intercambiáveis.

No candomblé, não. Somente os *alabês* tocam os atabaques.

Além disto, os capoeiristas vestiam-se com suas roupas normais de andar na rua (no candomblé,

temos as roupas e apetrechos dos orixás). Alguns - como o saudoso mestre Waldemar da Liberdade -, primavam pela elegância malandra e espalhafatosa das calças, ou ternos de linho branco, e camisas de seda italiana.

Esta *visibilidade* - este "visual", diria a rapaziada - mudou completamente. Primeiro com Bimba, em 1930 (a rapaziada treinava de calção, na sua academia); depois com Pastinha e seus uniformes preto-e-amarela, em 1941; mais fortemente, após 1960, no Rio e em São Paulo e depois por todo o Brasil (com as calças brancas, e as cordas ou cordéis coloridos na cintura; ou os uniformes preto-e-amarelo dos angoleiros).

Na parte inicial da aula: não mais a roda com dois jogadores jogando livremente, mas o professor à frente da turma que o segue em uníssono. A roda, no final, ocupa apenas um terço da aula; os "treinos", dois terços do tempo.

Sem falar que nas academias de "sucesso" era indispensável, cobrindo toda uma parede, um espelho. Sodré (115) já nos disse como, no século XVII, o indivíduo através o espelho começou a ver com perfeição a própria imagem exaltativa do "eu", em

oposição ao sentimento "grupai" anterior, "resquícios da comunidade tradicional, aquela caracterizada pela incorporação do indivíduo ao grupo" (116), nas palavras de Paiva.

Em algumas academias, o professor encarava os alunos com o espelho às suas costas; os alunos viam o professor à sua frente, e também viam a si mesmos, em "formação militar" e movimentando-se em uníssono, refletidos no espelho.

Em outras academias, o professor também encarava o espelho onde via refletida sua imagem e as dos alunos, aos quais controlava para que repetissem os movimentos com semelhança total (postura do corpo, dos braços, pernas, mãos, pés, cabeça; forma e velocidade do movimento ou golpe, etc.). Todos com o "uniforme" da academia, com suas respectivas "cordas" ou "cordéis" de diferentes cores na cintura, conforme sua posição na hierarquia daquele grupo.

Na *visibilidade* da aula de capoeira contemporânea (*regional, angola*, e outras), fica claro que a posição do professor com relação aos seus alunos não proveio da *tradição*; mas das artes marciais orientais, da Educação Física, da ginástica praticada nas academias de "malhação", ou do sargento à frente do

pelotão de soldados do exército.

Uma autoridade exercida pelo mestre, na capoeira, num leque que vai do déspota benevolente ao autoritarismo de um ditadorzinho frustrado.

Por exemplo, se naquela época - 1975-1990 -, ou hoje - 2010 -, algum capoeirista quisesse ir ao lançamento de meu novo livro numa livraria, este capoeirista teria que pedir licença ao seu mestre. A grande maioria dos mestres diria ao aluno: "pode ir". Mas alguns perderiam a calma: "lançamento do livro do Nestor? Aquele cachorro? Você ficou louco? Ele é nosso inimigo! Você não sabe o que ele escreveu no penúltimo livro? Você pode ir, mas é pra dar um tiro na cara daquele fila-da-puta!". E o capoeirista não iria, mesmo se tivesse 38 anos de idade, 25 de capoeira, mais de 50 alunos pagantes e ser economicamente independente, e ter mulher e 2 filhos.

O leitor deve achar que estou exagerando, ou que um autoritarismo deste tipo é exercido somente por uma meia dúzia de mestres fascistas. Mas não: este tipo de relacionamento, entre aluno com o chefe do grupo de capoeira, é o normal; é o que acontece em mais de 99% das academias.

Aliás, vamos virar a página; já falamos demais no assunto e a coisa já está ficando chata.

Outro aspecto da *visibilidade* era a eletrola e o toca-fitas.

Eletrola e toca-fitas modernos, vistosos, importados, com alto-falantes estereofônicos pendurados na parede, de cada lado da sala, colocados em local de destaque como um pequeno altar.

Esta eletrola tomou lugar do berimbau (ou berimbaus, "tradicionalmente" eram três), que na hora da roda eram passados de mão em mão. Numa academia de capoeira de *status*, na década de 1970 (época em que começou a "onda de violência"), tinha de ter uma eletrola (para os discos) e um toca-fitas (para as fitas cassete). A roda era feita ao som de um disco ou fita de capoeira. Fazer a roda com música ao vivo - com berimbau, pandeiro, atabaque e as palmas e o canto em coro - era coisa de professor de capoeira "subdesenvolvido"; sem dinheiro para comprar o toca-fitas; sem sucesso em número de alunos e valor de mensalidades cobrada.

A questão do "quem tem o poder de falar?", não poderia ser mais clara: a eletrola, a tecnologia.

Pois não se tratava de tocar apenas os "clássicos" - o disco de Traíra e Cobrinha Verde, o de mestre Bimba, mestre Pastinha, mestre Caiçaras -; qualquer

Zé Mané que gravasse um disco de capoeira também era tocado.

Não se tratava de "quem" tocava e cantava no disco, mas do fato de ter uma eletrola na academia.

Não importava a mensagem, e sim a mídia.

Nas grandes metrópoles, estas academias "modernas" representavam o sucesso - dinheiro e *status* -, e estavam geralmente localizadas nas áreas da classe média, ou dos novos ricos e emergentes. Estas academias "modernas" também existiam nas cidades menores, e nas capitais em que há uma grande discriminação contra a capoeira - e contra o negro -, como algumas capitais do sul ou do nordeste do país.

No entanto, no fim do período que estudamos, por volta de 1990, nas partes ditas "nobres" da cidade, o professor começou a procurar uma aparência mais "rústica", "primitiva". A *visibilidade* "sofisticada" começou a ser considerada "cafona" ou "careta" - semelhante às mulheres com uma *visibilidade* excessivamente maquiada e cheia de jóias vistosas, as chamadas "peruas".

Hoje em dia (2010), um professor experiente, no Rio de Janeiro, dará preferência a uma academia

"sofisticada" nos bairros da periferia e nos bairros de novos-ricos, como a Barra da Tijuca; e procurará um visual "mais simples" num bairro mais sofisticado como o Jardim Botânico.

No Jardim Botânico, na Gávea, ou no Leblon, ele pode, inclusive, dar aulas ao ar livre - "... é tão ecológico!" -, numa praça, ou na quadra de futebol de salão (ao ar livre) de uma cara universidade particular.

Quem fizer isto numa área carente - ou, até mesmo, numa área de emergentes novos-ricos -, se caracterizará como "um pobretão, um mal-sucedido que não tem dinheiro para alugar uma sala para dar aulas".

Durante a década de 1970, muitas vezes a própria roda era executada ao som da eletrola.

A partir aproximadamente de 1990, como explicamos, esta visibilidade não era mais "politicamente correta", em especial nas áreas nobres das grandes capitais, onde grande número de alunos eram universitários e mais sensíveis à opção da roda com berimbau; uma vez que possuir uma eletrola - para estes alunos - era coisa banal e não um símbolo de status.

No entanto, os capoeiristas todos vestidos

iguazinhos com o uniforme da academia, cada um com sua respectiva "graduação" - o cordel ou corda de diferentes cores amarrado na cintura -, continuava contrastando com a antiga *visibilidade* das rodas da década de 1950.

Os alunos - assim eram chamados e considerados (em oposição a "os capoeiristas" ou "os jogadores") -, ao se acocorarem no pé do berimbau, antes de jogar, já se colocavam, a priori, numa relação ditada pela cor da corda - hierarquia, graduação - que usavam no cintura.

Além disto, antes de 1970, o ritmo (o toque do berimbau) era inicialmente lento, só depois de muitos jogos tornava-se mais rápido.

Nas rodas das década de 1970/80, o ritmo já começava o mais rápido possível, caracterizando uma *visibilidade* de jogo rápido, objetivo, vigoroso - muitas vezes, beirando a fronteira da luta -; diverso da visibilidade dos jogos lentos que iniciavam as rodas, onde podiam ser inseridos os elementos rituais e lúdicos, de manha e *malícia*, de *floreio* e estilo e malandragem.

A *visibilidade* apresentada pelos jogadores também se modificou.

Anteriormente os jogadores respondiam ao coro e batiam palmas, dando uma *visibilidade* de total integração. A partir de 1970, muitos jogadores ficam "plantados", os pés afastados e os braços cruzados, uma expressão séria, arrogante e ameaçadora no rosto - não raro com uma das sobrancelhas mais levantada que a outra -, e o olhar que circulava lenta e ameaçadoramente de um ponto a outro.

Poderíamos pensar que a re-entrada da *capoeira angola*, por volta de 1985, iria modificar para melhor este quadro.

E realmente isto aconteceu.

Mas mais no que se refere aos berimbaus e à música (o que já é muita coisa); e ao reaparecimento de uma outra opção, diversa do estilo hegemônico da época (que era um desenvolvimento da *capoeira regional*).

Mas infelizmente, como já vimos, as mudanças pararam por aí; a *angola* tornou-se sectária e fechada (com poucas exceções, que só começaram a se manifestar por volta de 2000).

No entanto só por haver outra opção (embora tão fechada e limitada quanto a anterior), novos ares refrescaram o universo da capoeiragem.

Agora (2011) cabe aos bons capoeiristas das novas gerações, jovens talentosos e de visão com mais de 20 anos de capoeira, decidirem se estão satisfeitos com o modelo extremamente autoritário das academias de capoeira - tanto *angola*, quanto *regional*, e outros etc. -; ou se querem mudar este modelo. Esta mudança pode ser pelo jovem capoeirista entender que o modelo autoritário é a própria anti-capoeira; ou por razões comerciais, por entender que o atual modelo teve sucesso mas já está ultrapassado.

Não estou querendo apoiar o jovem que reclama de seu mestre, abre sua própria academia, e se torna mais autoritário do que seu antigo mestre; algo que acontece, e continua a acontecer com muita frequência. Estou falando de jovens de visão que entendem que o atual modelo de academia de capoeira precisa ser mudado por uma exigência do próprio tempo; vivemos num outro momento diferente dos 1930s e dos 1960s, e necessitamos de uma nova infra-estrutura.

Evidentemente isto requer que este jovem capoeirista já seja independente da academia e estilo no qual foi criado. E esta independência tem de existir dentro de sua cabeça, e também na sua prática de dar aulas, de ser professor.

NOTAS:

83 COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras; o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, 2000.

84 Ibidem, p. 245.

85 Ibidem, p.52

86 Ibidem, p.53-55.

87 Ibidem, p.48.

88 Ibidem, p.48.

89 Ibidem, p. 49-50.

90 Ibidem, p. 1.

91 Ibidem, p. 45.

92 Ibidem, p. 27.

93 Ibidem, p. 14.

94 Ibidem, p. 34.

95 Ibidem, p. 18.

96 Ibidem, p. 25.

97 Ibidem, p. 32.

98 SODRÉ, M. Op. cit., 1999, pp. 50-51.

99 FREUD in PAIVA, Raquel. Op.cit., 1998, p.77.

100 SODRÉ, M. "Uma arte do corpo". RJ: *Jornal do Brasil*, 1982.

101 HOBBSBAWN, Eric, e RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1984.

102 Uso o termo "irradiar" para propositalmente

comparar a ação dos jovens mestres em relação a seus alunos, com a ação da televisão sobre a população de um país - uma ferramenta de uma "segunda pedagogia" que introjeta os valores de um nacionalismo eufórico (embora o governo não cuide da educação, saúde, emprego e justiça social para a grande maioria carente da população); e também introjeta os valores do consumismo excessivo típico do capitalismo selvagem, e "faz a cabeça" das pessoas.

103 SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Pp. 73-79.

104 LANGER, Walter in SODRÉ, *ibid.*, p.74.

105 HEYST, Axel in SODRÉ, *ibid.*, p.73.

106 SLOTERDIJK, Peter in SODRÉ, *ibid.*, p.79.

107 SODRÉ, *ibid.*, p.74.

108 SODRÉ, *ibid.*, p.75.

109 CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira, galo já cantou*. RJ: Record, 1999, pp. 288-291.

110 REIS, Letícia. *Op. cit.*, 1997, pp.106-128.

111 COUTINHO, Eduardo. *Op. cit.*, 1999, pp. 9 e 244.

112 DELEUZE e GUATTARI. *Mille Plateaux*. Paris: Les Ed. de Minuit, 1980, cap. "Nômades e sedentários".

113 DELEUZE, *op. cit.*, 1995, pp. 57-58.

114 *Ibidem*, p.68.

115 SODRÉ, *op. cit.*, 1977, pp.14-22.

116 PAIVA, Rachel. *Op. cit.*, 1998, pp.17-18.